O POETA SERRA AZUL, MEU PAI

Celso Serra Azul

Francisco Henrique Leite, posteriormente Francisco Leite Serra Azul, além de escritor é um poeta que desperta sensibilidade e emoção. Seus versos são inspirados e deleitam o espírito pela elegância do estilo e excelência das rimas.

Tem trabalhos de alto valor no campo da escola poética parnasiana, considerando a delicadeza das expressões, perfeição da forma e maneira clara na exposição das idéias, como se observa no **"Alfabetos das Musas"**, com a descrição de vinte e sete virgens, que:

> *"... Não são moças humanas, são senhoras vaporosas, sutis, fluidas e leves...", sendo que nesse livro as imagens e os objetos que afetam os sentidos são puros e nobres. Em face do abecedário português inclui o k, o w (v dobrado), o y (com origem e emprego em línguas diversas) e louva mais uma* **Deusa** que chama de Incógnita.

Seus pais, José Henrique dos Santos e d. Joaquina Leite dos Santos, moravam no sítio "Pau Branco", onde se encontrava a fazenda **Boa Vista**, no Alto Alegre, às margens do riacho Tipi, em Aurora. Nas proximidades desse córrego existia grande quantidade de um vegetal **"Petiveria Tetranda"** ou **"Petiveria Aliacea"**, conhecido como "Tipi", planta medicinal usada, pelos supersticiosos, contra azares e feitiços. Aos que se julgavam vulneráveis a esses males oriundos dessas crendices lhes eram aplicados banhos e defumadores. No começo do ano de 1897, Francisco Leite ficou órfão, em virtude do falecimento de seus pais, passando aos cuidados dos tios Manuel e Maria Joana Rodrigues, que não tinham descendência.

Francisco Henrique Leite, como era conhecido, nascido a 3 de maio de 1893, na cidade de Aurora, mostrou muito cedo tendência para as letras. Havia completa ausência de escolas na região. Então, por curiosidade e desejo de aprender, copiava as palavras de revistas e jornais e, por ter boa memória, ia decorando os nomes que lhe ditavam. Passou então a se instruir por si mesmo, e de 9 a 11 anos ouvia e decorava os desafios dos cantadores. Existia naquela localidade um agricultor que era menestral — Manoel Alves Ferreira, um

dos poucos sertanejos alfabetizados, conhecido como o **Nezinho.** Passou a receber desse cantador lições avulsas, incentivo à cultura e, aos 14 anos, já discutia, com ele, problemas poéticos e fazia parte de cantorias. Esse aprendizado foi concluído mais tarde, quando tinha 16 anos, com dois meses de lições avulsas para a formação intelectual, sendo orientador Luís Gonçalves Maciel, farmacêutico, mestre de música e professor em Aurora.

Foram avós paternos de Francisco Henrique Leite os sertanejos Vitoriano Henrique dos Santos e d. Isabel Benício de Fontes. Avós maternos Manuel Luciano Teixeira Leite e d. Maria Leite Félix Soares. Todos de Aurora.

A partir de 16 anos, depois de haver sustentado debates com os cantadores, colher conhecimentos através de revistas e jornais, devidamente instruído pelo ex-seminarista Luís Gonçalves Maciel, saiu, por se julgar apto, com permissão de seus pais adotivos, a lecionar pelos municípios vizinhos, objetivando chegar a Fortaleza, incluindo em suas aulas as disciplinas: geografia, português, matemática, história e astronomia, pelas quais tinha preferência.

Ao chegar a Iguatu, com aproximadamente 18 anos, ali encontrou João Moisés Ferreira, de Quixadá, que, com seus irmãos, negociava com gado e terrenos. Em determinada reunião realizada em prédio amplo e público, João Moisés Ferreira comunica que havia completado uma transação, indagando da numerosa platéia quem sabia ler e escrever para assinar alguns documentos como testemunha. No primeiro momento houve um silêncio profundo. Entretanto, ao insistir na indagação, acrescentou: — "Quem souber ler e escrever levante o braça:" Lá, do meio da multidão Francisco Leite identificou-se e foi convidado para fazer parte da mesa. Então os Moisés Ferreira de Quixadá perguntaram-lhe o que estava fazendo naquela cidade, tendo ele respondido que era professor e estava lecionando várias matérias. Foi, assim, convidado para ir com eles a Quixadá a fim de ensinar seus sobrinhos na casa de uma irmã deles, que estavam precisando de um professor.

Em Quixadá Francisco Leite, além de mestre, passou a ter muito projeção com a divulgação de versos que repercutiram intensamente em vários setores culturais do Estado, inclusive em Fortaleza.

O saudoso escritor e poeta quixadaense Eurico Olímpio publicou, em 1912, em Quixadá, um importante livro intitulado **"Perfis Quixadaense"** onde incluiu um soneto em que traça o perfil do poeta Francisco Henrique Leite aos 19 anos de idade, de teor seguinte:

"Surgiu da Aurora o sol da inspiração,
Iluminando os cimos do Parnaso
E aqui mesmo, entre nós, por um acaso,
Refulgiu essa luz da promissão.

Astro-rei para o qual não há ocaso
Nem eclipse na sua projeção,
A não ser o defeito de instrução
E as barracas fatais do seu atraso.

Como um bruto diamante a lapidar,
Vive assim o seu brilho a se empanar
À falta de um cinzel que o lapidasse...

Se ao poema seu de refulgâncias cérulas
Desencrustasse algumas falsas pérolas,
Talvez até com mais fulgor brilhasse."

Depois de ministrar aulas aos sobrinhos de Moisés Ferreira, em Quixadá, Francisco Leite foi contratado, em 1912, para ensinar letras aos filhos e filhas de José Inácio de Lima, na fazenda "Tombador", ao norte da Serra Azul. Esse fazendeiro era primo de João de Barros Martins de Lima, futuro sogro do mestre Leite, como já era chamado. Posteriormente, por haver contraído matrimônio com Maria do Carmo Barros (Carminha), passou, em 1913, a ensinar letras e a trabalhar como agricultor na fazenda "Irapuá" de seu sogro João de Barros Martins, a leste de Quixadá, nas proximidades da Serra Azul.

Em 1919, já com três filhos (José Zoza, Celso e Letícia), dirigiu-se a Fortaleza, ficando a família, provisoriamente, em Serra Azul, e empregou-se na Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (hoje DNOCS).

Aqui, na Capital cearense, com muita saudade da esposa, publicou, em 1919, na Imprensa, o soneto:

O NINHO DESERTO

O coração — qual monge solitário,
Ausente da Ave que deixou na Ermida —

Retenho como único santuário,
Onde o teu vulto guardarei, querida.

Nas asas da saudade indefinida
Que tenho presa neste relicário,
Mando-te todo o ideal da minha vida,
Preso num beijo, voando ao teu sacrário.

Aqui, tudo é prazer, tudo é festejo...
Mas, se junto de mim eu não te vejo,
Nada vejo, se não te vejo perto...

Que vale tanta luz, tanta alegria?
A Natureza é fúnebre e sombria,
Se a ave está longe e o ninho está deserto.

No café **Riche**, em Fortaleza, Francisco Leite conversava com vários intelectuais, declamando e improvisando versos, em 1920.

Mário Linhares disse a respeito em sua **História Literária do Ceará**:

"O verso brotava-lhe como fio d'água do seio da terra bruta."

Ao se ausentar de Fortaleza, em 1921, para executar serviços de açudagem, com o engenheiro prático Sebastião de Abreu, chefe da Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca, no interior do Ceará, foi notada a sua ausência e muitos amigos da poesia perguntavam pelo poeta da Serra Azul, e já estava sendo conhecido por esse nome. Então, na volta, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Quintino Cunha, Leonardo Mota e outros homens de Letras sugeriram que Francisco Henrique Leite acrescentasse a seu nome a expressão Serra Azul.

Nessas condições, por insistência de Rodolfo Teófilo, que era padrinho de Oscar, filho do poeta, alterou o nome de Francisco Henrique Leite para Francisco Leite Serra Azul.

Certa vez, no café **Riche**, perante muitos literatos, lembrou-se de tia Maria Joana Rodrigues e improvisou o soneto, posteriormente publicado, constante do seguinte:

Tia Maria

Lá de onde eu me criei, na fazenda
Da Boa Vista, à margem do Tipi,

Apenas a saudade me consola
Do que, na infância, eu presenciava ali.

Nezinho, o cantador ao som da viola,
Desafiava o "Gavião" e o "Bentevi",
Foi o meu mestre ocasional de escola
Quando as primeiras letras aprendi.

Tia Maria Joana era tão boa,
Mas tão carrasca! Odiei-a por extremo!
E hoje sei que era angélica pessoa!

Muita vez desejei que minha tia
Morresse! E de volver ali, só tremo
Hoje de não ver mais tia Maria!

O "**Alfabeto das Musas**" mostra o gosto que Francisco Leite Serra Azul tem pelas letras representando o amor, a beleza, a luz, a inocência, os perfumes e carícias através de figuras de moças partindo da letra A (Alice) até Z (Zaíra), além de Incógnata, simbolizando imagens humanas com dons celestiais.

Destaco entre essas pérolas que compõem o conjunto de deusas o soneto sobre a jovem **Beatriz** - considerada a beleza perfeita — e Laura — o reflexo do céu.

O genial poeta Dante Alighieri (1265-1321), nascido em Florença, na Itália, autor da importante obra "**Divina Comédia**", poema épico em que descreve o Céu, o Inferno e o Purgatório, era profundamente apaixonado de forma verdadeiramente mística por **Beatriz**, filha de Folco Portinári. Desaparecendo de sua vida esse ente maravilhoso, Dante foi dominado por imensa tristeza. Desesperado, além do Paraíso, imaginou o Inferno e o Purgatório, tendo **Beatriz** como figura central. Assim admitiu a estada de seu anjo de bondade no Inferno e no local de transição entre o bem e o mal (o Purgatório).

Porém o que o poeta Francisco Leite Serra Azul destaca em sua **Beatriz**, é, justamente, o fato de que essa jovem que descreve ser tão bela e pura que onde ela estivesse não existia Inferno ou Purgatório, sendo esse o sentido desse soneto:

"Beatriz

É mais formosa que a Beatriz do Dante:
Porque se aquela fosse assim tão bela,
O poeta não teria tido aquela
Visão de Inferno e glória ao mesmo instante.

Porque quem vir Beatriz, estou que cante
Somente a glória que ela, em si, revela,
E só poderá ver Inferno adiante
Ou Purgatório, estando ausente dela.

Assim, para a beleza ser completa,
É preciso ter nalma a formosura
Que se ajuste à do corpo em linha reta.

E essa candura da alma se apresenta
Em Beatriz, na virtude e na ternura
De que a beleza dela se ornamenta."

Laura, que é a beleza das águas límpidas do bosque onde penetra o brilho do céu foi, primeiramente, relatada por Petrarca (1304-1374), poeta e historiador italiano, Laura de Noves, de beleza deslumbrante, nasceu na Provença (1308-1348), teve narração em versos sonoros, por Petrarca que a imortalizou.

A Laura apresentada pelo poeta Serra Azul é bela e formosa, mais elegante e encantadora do que a de Petrarca, sendo indicada na forma seguinte:

"Quem a veja não há (ditosa e santa,
Porque está muito longe de imitá-la
A própria Laura a quem Petrarca canta)
Que não deseje, então, para exaltá-la,

Ser, com fogo na voz que se levanta,
Doce e mavioso rouxinol que fala
E, com voz de sereia na garganta,
Novo Petrarca, enfim, para cantá-la.

Do alto as estrelas curvam-se radiosas,
Magnetizadas pela maravilha
Momentânea das faces luminosas,

Com que seduz a todas, pelo espaço,
Mostrando um sol em cada olhar que brilha,
Movendo um claro céu a cada passo."

Serra Azul era ainda notável trovador, tendo entre as muitas composições a interessante trova:

"No céu do Brasil — que sorte!
Jesus pôs o seu Cruzeiro
Mostrando que sua Corte
Está no Céu Brasileiro."

O primoroso vate Nicolau Tolentino de Almeida, nascido em Lisboa (1741-1811), satírico e cômico, ao se encontrar com Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), português, de grande inspiração, luminar da arcádia lusitana, sempre conversava em versos. Bocage era conhecido pelo nome arcádico de **Elmano Sadino**. Ambos tinham os pés muito grandes.

Então Nicolau Tolentino, estando com Bocage, certa vez, olhou para os pés do companheiro e disse:

"Se o Padre Santo tivesse
Um pé tão longo e tão mau
Poderia lá de Roma
Dar beija pé em Macau."

Apontando os pés de Nicolau Tolentino, o defender do lirismo de Camões, **Elmano Sadino**, falou:

"E eram duas juntas de bois
E daqueles mais seletos
A puxar pelos sapatos
E os sapatos sempre quietos."

Há um relato que se encontra no jornal "O Povo", de 27-11-50, sobre uma conversa entre Francisco Serra Azul e Sobreira Filho, autor

de "Luzes da Cidade", com a presença do professor Francisco Matos, com uma parte constante do seguinte:

SERRA AZUL:

"Caro Sobreira Filho, que surpresa!
Estás de novo agora em nossa terra.
Vens visitar de novo Fortaleza,
Que há tantos anos em tristezas erra."

SOBREIRA FILHO:

"Meu caro Serra Azul, querido Serra,
Rolei do tempo pela correnteza
Mas tentei vir, pouco depois da guerra,
Só receber a tua gentileza..."

SERRA AZUL:

Ó poeta das Baladas! Que fizeste
Nos quinze anos de ausência, tão distante
Lá pelo Sul, tão longe do Nordeste?

SOBREIRA FILHO:

"Pensava nos teus versos todo dia.
E esperei mais a glória deste instante
Do que Jacó quando a Labão servia."

Como os cantadores medievais e os menestrais do campo o poeta Francisco Leite Serra Azul é improvisador e repentista.

Quando no grande inverno de 1921, semelhante ao de 1924, encontrava-se em serviço da IFOCS (hoje DNOCS), em Canindé, foi convidado pelo Chefe Sebastião de Abreu a improvisar um soneto sobre um facto acontecido na travessia do rio, tendo para surpreza de todos declamado:

"A Passagem do Rio Canindé

Era chegada a hora da viagem!
Seguem. Uns a cavalo, outros a pé,
Diziam: — Vamos ver quem tem coragem
De atravessar o rio Canindé!

Um deles, cheio de entusiasmo e fé,
Gritava: — Mesmo que não dê passagem,
Eu tenho de ir, e passarei até
Os cavalos, as roupas e a bagagem!

Mas quando chegam, do primeiro arranco
Só passa o chefe! O resto que o seguia,
Recua à enchente e agarra-se ao barranco!

Voltaram todos... E o mais leal dizia:
— Se a água levasse o chefe (eu falo franco)
Até onde ele fosse eu também ia!"

Distingue-se mais o intelectual Francisco Leite Serra Azul como forte em versificação e astronomia.

Em NOTÍCULA aposta às fls. 15, do seu livro **"Natureza Ritmada"**, edição de Ramos & Pouchain, 1938, diz:

"... que adota a ortografia simplificada, só conserva o grupo **sc** no verbo ascender (subir), contraposto ao verbo acender (avivar).

As síncopes devem ser repelidas como recurso de métrica. Da mesma forma os hiatos.

As palavras **sua, tua, lua, duas** etc., não devem ser contadas como uma sílaba só, antes de consoante.

Quanto às rimas, podem ser formadas com uma palavra só, contanto mude de sentido, tal como: parte (porção) e parte (lugar), canto (poema) e canto (ângulo), forma (substantivo) e forma (verbo).

As consoantes sonoras no vocábulo podem ser contadas como sílaba nas palavras — atmosfera, objeto etc."

Tendo em vista esse comentário, esclareço, como freqüentador constante da Academia Cearense de Letras, que pude, com outras pessoas, inclusive funcionários daquela Casa de Letras, observar, em 1988/89, debates entre o excelente escritor Mozart Soriano Aderaldo e o notável poeta Antônio Girão Barroso, sobre versificação, notando

que são profundos conhecedores da matéria, sendo mesmo considerados mestres em assuntos da métrica do verso.

Francisco Leite Serra Azul não ficou somente no lirismo e nos temas da escola parnasiana. Sua poesia de cunho científico e filosófico está ligada aos gêneros de Lucrécio, Ovídio e Goethe. Os trabalhos literários apresentados podem ser vistos sob vários prismas, pois a sua erudição e o seu gênio cultural ferem diversas modalidades do seu estro.

O notável escritor, jornalista e astrônomo Rubens de Azevedo, de largo renome nos meios científicos e de grande talento, comentou em publicações inseridas no jornal "O Povo", de 08.01.84 e 16.06.86, assuntos relativos à constelação da **Lira**, destacando a estrela **Vega**, e examinou fatos constantes do conjunto do **Peixe Austral**, onde se encontram o astro **Fomalhaut** e outros, inclusive **Andrômeda**. Esse sábio ao analisar o livro **"Natureza Ritmada"**, de Francisco Leite Serra Azul, publicado em 1938, diz, entre vários comentários, o seguinte:

"... obra que à época passou desapercebida dos críticos, que não foram capazes de descobrir-lhe os incontestáveis méritos, talvez porque o poeta cientista se lançasse no universo incomensurável de estrelas e sóis, nebulosas e constelações, medidas astronômicas e surpreendentes revelações do Cosmo... Nessa fase é que encontramos o saudoso mestre voltado para a Astronomia, entregue à contemplação dos astros, descrevendo em versos o firmamento como um profundo conhecedor dos seus mistérios. Por isso recebeu dos admiradores o nome de cantor do céu...."

Para comprovação desse fato, transcrevo um dos muitos sonetos do poeta Serra Azul sobre Astronomia, de teor seguinte:

"Madrugada de junho"

Mais uma vez invoco a musa,
Para cantar as lâmpadas do céu:
De Andrômeda — essa tríade que o cruza
Do quadrado de Pégaso a Perseu.

Algol — como um farol de luz difusa
Que se acende e se apaga no apogeu,
Decepando a Cabeça de Medusa
Por trás de Cassiopéia e de Cefeu.

Viro-me para o sul agora, em busca
Da cauda do Escorpião que ainda me ofusca
Com o seu deslumbramento sideral...

Já diviso o Eridã com a estrela Albente
Que aponta para o Orion e vejo em frente
A bela Fomalhaut do Peixe Austral."

Em 1924 deixou a IFOCS e foi nomeado para o cargo de Fiscal de água e esgoto. Naquela época o serviço de água e esgoto pertencia à Recebedoria do Estado, órgão subordinado à Secretaria da Fazenda. Posteriormente esse cargo foi transformado em Fiscal de Rendas (Fiscal de Tributos do Estado), ficando nessas funções até se aposentar. No exercício dessas funções, foi procurado por Mozart Soriano Aderaldo, que ficou cativo ao tratamento que a este dedicou. Além de suas atividades no serviço público estadual continuou a escrever versos e publicar trabalhos na Imprensa de Fortaleza. Foi um dos fundadores da Associação Cearense de Imprensa, em julho de 1925, ao lado de César Teles Magalhães, Luís Cavalcante Sucupira, Joaquim de Almeida Genu, Gilberto Câmara, Alfeu Faria de Aboim, Henriqueta Galeno, Júlio de Matos Ibiapina, Osvaldo de Aguiar, Eurico Pinto, Aldo Prado, Adalgisa Cordeiro do Carmo, Neri Camelo e outros, conforme **Placa de Bronze** na sede daquela Associação, na Rua Floriano Peixoto, esquina com Liberato Barroso, em Fortaleza-CE.

Conseguiu, na capital cearense, melhorar os seus estudos. Fez o ginasial, chegando a atingir o 3º ano da Escola de Agronomia do Ceará, não tendo, entretanto, terminado o curso.

Em 1935, tirou férias na Recebedoria do Estado e foi a Lavras da Mangabeira. Lá, nessa cidade, fez interessantes anotações e, ao chegar a Fortaleza, publicou um livro de prosa denominado **"Impressões de Viagem"**. Esse livro foi muito bem aceito pela crítica e se encontra com edição esgotada.

Serra Azul era muito sensível.

Quando eu conclui o curso seriado e complementar no Ginásio São João, em 1936, como o primeiro aluno da turma, ao lado de Antônio Clodoaldo de Alcântara e Silva, de São Gonçalo do Amarante, de Omar de Carvalho Paiva, segundo colocado, e Gerardo Silveira e Sá, terceiro, fiz vestibular para a Fuculdade de Direito do Ceará, tendo

efetuado a matrícula em 1937. Tanto o meu boletim de conclusão de curso, quanto o de Clodoaldo, acusam em nove (9) matérias: oito (8), 100 (cem), a maior nota, e um 80 (oitenta).

Nesse mesmo ano de 1937, tranquei a matrícula na Faculdade de Direito e, por indicação do Dr. César de Adolfo Campelo, Diretor do Ginásio São João, fui convidado para ser Diretor de um Colégio — Ateneu Jardinense, em Jardim, no Sul do Estado, porque precisava ganhar algum dinheiro e fazer economia.

Então, Francisco Leite Serra Azul publicou, nesse momento, um soneto nos termos seguintes:

"O Estudante Pobre

A inteligência é vasta, áureo é o talento
E a força de vontade, enfim, que o impele
À luta, a procurar alguém que a ele
Venha de encontro, ao vigoroso intento.

O pai é pobre, embora um rudimento
De inteligência e lucidez revele.
E ele age só, até que, num momento,
Encontra um César que se apieda dele!

É benquisto dos mestres. Faz conquistas
Com boas provas. Triunfa sempre. E o curso
Conclui, como o melhor dos humanistas...

Pára, porém, no início da carreira
Que quer seguir, ao ver na frente esse urso
— Torvo e feroz da crise financeira."

Em 1938, entreguei o Colégio ao Pe. Alcântara, vigário daquela cidade e, retornando à Fortaleza, reabri a matrícula na Faculdade de Direito do Ceará, concluindo, normalmente, o curso com os brilhantes colegas: Mário Barata (já falecido), Mílton Morais Correia (Tabelião), José Farias Evangelista (falecido), Walmir Sá Magalhães (Advogado), Adauto Coelho (falecido), Cariolano Ramalho Neto (Juiz de Direito), Antônio Francisco de Albuquerque (Advogado), Antônio Marques Cavalcante (Juiz de Trabalho) e outros.

No antigo Café Java, próximo ao Prédio da Intendência Municipal, este então existente em quarteirão, hoje desaparecido, da Praça do Ferreira, foi improvisado pelo poeta Francisco Leite Serra Azul o soneto "O Beijo" integrante dos versos esparsos, que não figura nos livros publicados pelo autor. Esse admirável verso foi elogiado por Rodolfo Teófilo e Quintino Cunha, que se encontravam presentes à reunião no café aludido. Transcrevo, para que o leitor tenha uma idéia real do assunto, um quarteto desse incomparável trabalho:

"Do beijo, a essência é o fôlego da vida,
Pois toda a natureza foi criada,
Com vida, força, movimento e lida,
Por um sopro de Deus beijando o nada."

A partir da publicação do livro "Natureza Ritmada", em 1938, o poeta Serra Azul passou a ter ampla projeção no cenário nacional.

O eminente escritor Rubens Falcão, magnífico jornalista em **Nota** inserida no jornal "O Globo" do Rio de Janeiro, de 25.10.1969, pronunciou-se sobre Francisco Serra Azul da seguinte forma:

"Além de poeta — Francisco Leite Serra Azul é professor de História Natural e Geografia. De uma memória de anjo, sabe de cor mais de cem sonetos de Bilac, o seu preferido, e conhece, a fundo, a geografia física do Brasil, sendo capaz de responder sobre qualquer dos seus acidentes.

Publicou Serra Azul, em 1924, o "Alfabeto das Musas", e, em 1938, "Natureza Ritmada". "Alfabeto das Musas" contém os versos da fase lírica do poeta. Alice é o modelo dos demais sonetos dessa fase. Ei-lo aqui:

"... E, enfim, não houve céu que eu não subisse,
Campo de flores que eu não percorresse,
Mares e abismos a que eu não descesse
A ver se achava o que imitasse Alice.

Cheguei ao mar e a pérola me disse:
— Que sou eu?... Ah! se tal me parecesse!...
Nem houve flor que inveja não tivesse,
Nem estrela que ciúme não sentisse.

E na jornada espiritual que à face
De tudo andei, ninguém achei que fosse
Digno de que com ela eu comparasse...

Não encontrei, nem encontrei quem visse
Formosura no mundo igual à doce,
Cheia de graça e angélica de Alice!"